

RELIGIÃO E PATRIA.

PÉRIODICO RELIGIOSO, POLÍTICO E NOTICIOSO.

RESPONSÁVEL — T. G. DE SOUSA PINTO.

NUMERO 26

QUINTA FEIRA 23 DE ABRIL DE 1863

1.ª SERIE

GUIMARÉS 22. DE ABRIL.

JESUS CHRISTO REAGINDO CONTRA O «VIMARANENSE».

... A verdade, diz La Bruyère falando dos espiritos fortes, é simples e ingenua, e elle (o homem) gosta da sedução e do artificio. . . e ama unicamente sua propria obra — a ficção e a fabula.

Não sabemos até que ponto se deve concordar aqui com La Bruyère; o que porém é certissimo e mais que averiguado, é que para muitos, a palavra não é a expressão sincera da verdade, mas sim, o órgão por onde costumam illudil-a e desfigurá-la.

Ainda bem que ella se vinga algumas vezes da insensatez de seus inimigos, servindo-se d'elles como de instrumentos pelos quaes, se deixa conhecer e fixar com tanto menor esforço, quanto maior é o empenho com que pretendem obscurecê-la.

Poderosa influencia da verdade que converte em instrumentos seus, os que só querem fazer-se instrumentos da mentira!

Temos d'isto um clarissimo exemplo nos n.ºs 93 e 94 do *Vimaranense*, o qual accudido a confutar o artigo em que mostravamos como a reacção contra o genio do mal estava no christianismo e por consequencia em J. C., a cuja divina força deve a igreja sua perpetuidade e firmeza no meio das contradicções do mundo, nos vem com uma enfiada de grosserias, de ineptias, de falsidades, de subterfugios, de torcicolos e de umas misérias taes, que se houver alguem com tanta paciencia que as leia até ao fim,

não temos duvida que ha-de ficar conhecendo como é que se faz guerra ao decoro e ao bom senso, e ha-de concluir d'ahi naturalmente, que lhe é preciso acreditar o contrario do que leu, e procurar a verdade na parte que viu impugnada.

Eis ahi, porque talvez se diga que é trabalho inglorio, sobre ingrato e difficil, o de querermos agora desenredar a meada em que o espirito do collega se embaracára. E nós concordamos, em grande parte, com essa opiniao; mas como foi dito por grande mestre que *sempre da mentira ha-de ficar algum fructo*, e como ha espiritos tão credulos e facéis que se deixam ir á descripção do primeiro que pretenda illudil-os, e para os quaes, toda a letra redonda é evangelho, não nos podemos julgar desobrigados de voltar á lica onde o inimigo, apesar de ferido com suas proprias armas, teima ainda em se proclamar vencedor, nem damos por de todo inutil, este nosso trabalho.

Começa o collega no seu artigo, de 13 de corrente (a parte os insultos e a gira malcreada em que elle é mestre, e em que se vae alargando ate ás dimensões d'aquella que lhe peja o 3.º artigo do seu n.º 94) começa o collega, diziamos, por querer desmentir-nos a proposito de lhe termos dito alguma coisa que valia tanto como dizer que J. C. veio ao mundo para reprimir a acção de Satanaz, invoca a auctoridade de um escriptor ecclesiastico, e diz com quia simplicidade infantil: « Pensavamos nós com o abbae Fleury que « J. C. veio ao mundo para fazer adorar Seu Pae em « espirito e verdade etc. etc., mas pelos modos esta « vamos em erro ».

Ora vejam, que innocencia!

Pois que duvida pôde haver em que J. C. viesse ao mundo para fazer adorar Seu Pae celeste, e tambem para reprimir a acção de Satanaz? são duas cousas que se combinam perfeitamente, e que tiram uma da outra sua razão de ser, e o articulista foi chamar contra si proprio a auctoridade de Fleury.

Se J. C. veio fazer adorar Seu Pae celeste, é porque os homens o não adoravam, é porque a unidade de Deus tinha desaparecido nas dissoluções e nas loucuras do polyteismo, é porque o mundo se tinha deixado perverter e dominar pelo espirito do erro — por Satanaz que é inimigo de Deus, e de todo o genero humano; é porque J. C. disse formalmente — *Agora será lançado fora o Principe d'este mundo* (1); é porque da expulsão e da queda d'este Principe, que era Satanaz fazendo-se adorar por Deus em todos os idolos da terra, quiz J. C. que seu reino se levantasse e que Seu Pae celeste fosse adorado em espirito e verdade por todo o mundo.

Ora bem vê o articulista que lhe é muito prejudicial a auctoridade da Fleury quando com ella nos pretende negar que J. C. viesse reprimir a acção de Satanaz; heu! vê que se fere com suas proprias armas.

Mas o caso não para n'isto. Diz mais o articulista, como quer quer apoiar e dar maior força á sua negativa: « Pensavamos nós que J. C. como elle mesmo disse, veio ao mundo para o salvar. Pensavamos « nós que J. C. veio ao mundo para nos redimir da

(1) S. João cap. 12 — 13

FOLHETIM.

CONFERENCIAS RELIGIOSAS

RECITADAS NO VASTO TEMPLO DE NOSSA SENHORA DE PARIZ

Pelo Reverendo padre FELIX n'esta Quaresma de 1863.

1.ª CONFERENÇA.

(Continuado do n.º 24.)

Quereis ainda remontar-vos mais alto na escala dos seres? o mysterio cresce ao passo que vos elevaes.

Eis a vida na sua mais completa appareição, não sómente a vida, que sobe debaixo para cima e que se espalha do centro na sua esfera, mas a vida, que se move, que se desloca e que se transporta por si mesma de um lugar para outro lugar; não sómente a vida, que vegeta, mas a vida, que sente, a vida animal em fim! Aqui, quantos mysterios espantam o sabio e confundem a sciencia! Aqui é ainda a força, que se traduz nas suas mais brilhantes manifestações. E que forças! Força motora, força sensitiva, força instinctiva. Mas quando pronunciaes estas palavras, o que fazeis senão denominar o mysterioso e formular o incognito?

Aonde está esta força, que se não vê em parte alguma, e que se revela por toda a parte? Esta força em virtude da qual o leopardo se move de um modo, que todo o genio da mecanica não poderia conseguir, e se desloca, e caminha, e volta, e salta e ressalta com uma agilidade, com uma destreza e uma harmonia,

que a arte imitar não pôde, e cujas molas occultas o olho da sciencia não chega a penetrar completamente?

Vedes alli movimentos, que encantam os vossos olhos, espantam o vosso espirito e captivam a vossa imaginação. E, quando este corpo vivo se torna cadaver, quando, depois da morte, vós dissecaes este mecanismo, d'onde a vida fugira, descobris no interior um complexo de ossos e de pontos de apoio, de aparelhos e de órgãos — Tudo isto é o milagre, que se deixa vêr e que vos coage á admiração; mas a força, que a tudo dava o impulso e a harmonia, é o mysterio, que se esconde e que vos obriga a confundir-vos na vossa impotencia de dizer e na vossa impossibilidade de vêr.

Assim, n'estes tres mundos, que vos precedem, e que vós dominaes, o mysterio se encontra sempre, com a sciencia; a sciencia estabelecendo o phenomeno, o mysterio encobrendo-vos a substancia; e vós mesmos que sois o resumo d'estes mundos, trazeis d'entro de vós todos estes mysterios ao mesmo tempo, por que o homem tambem é uma materia que gravita, uma planta, que vegeta e um animal, que se move; e a atracção, e a vegetação e a sensação reúnem em si, sem os confundir, os seus profundos mysterios.

Mas acima de tudo isto se transmonta uma região mais sublime e mais mysteriosa. — E' o homem. — O homem não é só um corpo, que gravita, uma planta, que vegeta, um animal, que sente; é uma intelligencia, que vê, uma razão, que dedaz, uma vontade, que ama, uma liberdade, que escolhe, uma alma em fim, que anima, que move e que governa toda a sua vida; uma alma, quer dizer — uma substancia, que não tem extensão, nem cor, impalpavel, invisivel, que cobrindo-se de freyas impenetraveis, e escondendo-se em dobras inacessiveis ás vistas da analyse e ao

escalpelo da anatomia, accusa em todo o corpo a sua presença real e a sua efficacia universal.

Ahi Srs, é aqui especialmente que as vistas do fisiologista, do psychologo e do philosopho se abrem ao mundo humano propriamente dito com todos os seus abysmos. E' aqui que eu me sinto forçado a dizer-vos « Quem, entre vós, conquistara a sciencia do homem e pode negar os mysterios humanos? . . . Por toda a parte, no mundo mineral, no mundo vegetal e no mundo animal vós tendes estabelecido acima da verdade fenomenal a verdade substancial; por detraz da superficie, que se descobre, a substancia que se occulta; por toda a parte em fim o mysterio caminhando com a evidencia e a fé natural a impor-se á sciencia da natureza!

Mas o que dizeis vós do homem, se o tendes conhecido, visitado e penetrado em todo o sentido? Alli, no centro do homem, ponto luminoso, d'onde tudo parte, e para onde volta tudo n'este mundo humano, que sois vós mesmos, haveis reconhecido uma cousa mysteriosa, que chamaes pelo nome sem a comprehender; o — Eu —, um não sei que, que em vós falla dizendo: o meu corpo, a minha sensação, o meu prazer, a minha dorura, meu pensamento, minha vontade, minha liberdade; em fim a humana personalidade! Pois lem, esta personalidade, que em vós actua, que em vós sente, que tem vontade propria em vós, que gosa ou sofre, esta personalidade podeis acaso negal-a? Como negal-a sem vós negardes a vós mesmos? Mas por outro lado podeis porventura comprehender esta personalidade, que é o centro da vossa vida, e mesmo a vossa vida? Não, mil vezes não.

(Continúa)

«culpa original.» Porém não pensavam que J. C. viesse reprimir a acção de Satanaz, não é isso?

Ora esta não se acreditava se se não visse.

Pois nem sequer se lembrou o articulista de como Satanaz havia tentado a vida humana em seu berço e de como fora elle o que tivera a parte principalissima em nossa queda primordial — em nossa culpa original? Não sabe que desde então «o SENHOR DEUS d'isso á serpente»:

«Eu porei inimidades entre ti e a mulher, entre a tua posteridade e a d'ella. Ella te esmagará a cabeça, e tu armarás traições ao seu calcabhar?» (2)

Aqui tem o catholico articulista uma predicação expressa da vinda do Messias, libertador do genero humano e VENCEDOR de Satanaz; pois aquella mulher que devia esmagar a cabeça da serpente, dizem os santos Padres, e é doutrina corrente, que é Maria Santissima, a qual, pelo nascimento de J. C. quebrou a força e arruinou o imperio de Satanaz.

Mas então que significa a estranheza do articulista quando dizemos que J. C. veio reprimir a acção de Satanaz? Significa muita má fé, opposição muito systemathica á verdade, ou muita ignorancia, e bem vê o collega que não é a «Religião e Patria» que teima na vilania de heretisar os liberaes, mas é o liberal «Vimaranense» que teima na desgraça de ser herete.

Antes de passarmos adiante é bem que se advirta a proposito do que temos dito, que quanto mais progredimos na questão de J. C. contra a folha da localidade, mais J. C. nos apparece reaccionario.

Uma ligeira explicação será bastante para dar a razão do que affirmamos.

Note-se primeiro que para haver reacção é preciso que se produza uma acção; não se pôde reagir contra uma cousa que não actua. Isto é claro como a luz. Ora a acção do mal produziu-se no paraizo; Satanaz seduziu os primeiros homens e actuou sobre elles, e elles não reagiram e fizeram mal. Porém Deus accudiu-lhes, amaldiçoou a serpente, e assignalou para o futuro uma reacção permanente contra ella n'aquellas palavras do Genesis: *ipsa (mulier) conteret caput tuum, et tu insidiaberis calcareo ejus*, de sorte que a acção Satanaz e a reacção de J. C. representada n'esta profecia é um facto que só o Vimaranense podia pôr em duvida.

E por aqui se vê que quanto mais nos adiantamos n'esta questão, mais J. C. nos apparece reaccionario. N'uma parte é Elle proprio que diz: «o PRINCIPE d'este mundo será lançado fóra» o que val o mesmo que dizer: Eu vencerei o genio do mal que avassala o mundo, eu reprimirei a acção de Satanaz que perverte o mundo; e n'outra parte é o VERBO eterno que annuncia sua força e sua reacção poderosa contra as insidias da SERPENTE — São dous logares que se harmonisam e completam, é a profecia e o cumprimento da profecia.

Ficaremos hoje por aqui, apesar de ser muito o caminho que temos para andar, e pouco a pouco iremos indo e acompanhando o collega até ao fim do 3.º artigo do seu n.º 94 porque está ali o termo da viagem para a qual demos hoje o primeiro passo.

(2) Genes. cap. 3 = 14 e 15.

DISCURSO PROFERIDO NA CAMARA DOS PARES PELO EM.º SR. PATRIARCHA DE LISBOA EM SESSÃO DE 28 DE FEVEREIRO DE 1863.

(Conclusão).

Um parochio sei eu que requereu a sua transferencia para uma de doze egrejas vagas. E os que já foram transferidos por similhante concurso, apenas collados, procuram logo outra transferencia. Eu no concurso documental não diviso uma só vantagem que o justifique, havendo tantas desvantagens que o reprovam, como ponderei, e demandam com urgencia que deixe de se executar.

O outro decreto de 9 de Dezembro ultimo, que regulou o concurso por provas publicas, o bispo em consciencia não o pôde admittir. O concurso canonico

sendo estabelecido pela egreja, que determinou o objecto sobre que deve versar, só a ella compete regular a maneira de o fazer. Este negocio é espirital, e consequentemente da competencia da auctoridade ecclesiastica. Mas aquelle decreto tornou temporal o que é espirital; considerou os exames de concurso canonico como se foram exames de concurso para fins temporaes. Estes exames são os mesmos synodales, não ha entre elles nenhuma differença essencial; no exame de concurso examina-se mais do que um, no synodal um só. Logo quem regula o exame synodal deve tambem regular o exame de concurso. Varios Pontifices o regularam, e principalmente o Papa Benedicto IV na sua constituição de 1742, onde trata esta materia com muita miudeza, e deu sobre ella excellentes prescripções. O real padroeiro pôde não admittir concurso, mas admittindo-o deve este ser feito segundo os canones e constituições pontificias.

Não me demoro mais em considerar objecto tão claro e evidente. Nunca se disputou á egreja regular os seus concursos.

Em todas as nações desde a Hespanha até á Russia, aonde a religião catholica fór a religião do estado ou a dominante ou permittida, as cousas ecclesiasticas acham-se reguladas por concordatas.

A Hespanha fez a sua bella concordata em 1851.

Na França ainda voga a concordata de 1801 celebrada entre Pio VII e o primeiro consul.

A Bélgica dirige-se nas cousas ecclesiasticas pela concordata que fez em 1827, a que serviu de base a franceza.

A Baviera regula-se pela excellente concordata que celebrou em 1817.

Em Napoles e Sicilia havia a concordata feita em 1818.

A Austria cuida de presente em modificar a sua concordata de 1855.

A Prussia, para os catholicos que ha n'esta monarchia, celebrou uma concordata em 1821.

As provincias rhenanas tambem fizeram a sua concordata em 1821.

Na propria Russia tambem ha a concordata de 1847 entre Pio IX e o czar Nicolau I, por onde pela primeira vez foi reconhecida a primazia da Santa Sé com respeito aos catholicos russos; esta concordata egualmente providencia para o reino da Polonia.

Da leitura d'estas differentes concordatas facilmente se vem no conhecimento de qual seja a acção dos bispos e a sua ingerencia na administração e governo das suas respectivas dioceses.

E com effeito por toda a parte os seminarios estão a cargo dos bispos pela maneira que prescreve o sagrado concilio de Trento, que os manda instituir. Nomeiam livremente e exoneram os seus professores; regulam com a mesma independencia os estudos, a policia interna e administração economica (apoiados).

Em todas as cathedraes ha coneziã da nomeação dos bispos, com as quaes se remuneram serviços parochiaes ou feitos no regimen diocesano, ou por qualquer outra consideração ecclesiastica dignos de galardão.

Os bispos portuguezes tambem já tiveram esta mesma regalia sem embargo das grossas rendas que logravam. Hoje reduzidos a pequenas congruas não têm uma coneziã da sua nomeação, com que possam remunerar a importante coadjuvação dos seus secretarios no regimen diocesano.

Mas, o que é mais para lastimar, até se estranha e murmura, quando algum secretario do bispo é nomeado conego, no errado presupposto, que similhantes despachos são de mero favor, e com elles se prejudicam outros ecclesiasticos benemeritos.

O provisor e o secretario do bispo são os dois ecclesiasticos de maior consideração e importancia nas dioceses; pela sua escolha se ajuzza e prognostica qual virá ser o governo diocesano.

O primeiro bispo do Porto depois de 1834 conciliou, logo no principio do seu governo, a benevolencia dos portuenses por chamar para o seu lado, e nomear seu secretario um presbytero, que lograva o melhor conceito pelas suas reconhecidas virtudes e saber.

Estou certo que o digno par, que me está ouvindo, insigne professor da universidade, o sr. Vicente Ferrer, a quem sempre dediquei cordial amizade, ha

de confirmar esta minha abonação, sabendo o ecclesiastico a que me refiro; foi o dr. José Correia.

A familia do Bispo consta de pessoas, parte empregadas no seu serviço particular, que deve satisfazer da congrua que recebe, e parte empregadas no expediente da diocese, o qual é hoje muito maior, do que era d'antes, e cada vez se augmenta mais com a aturada correspondencia da secretaria d'estado.

Mas não se attende para isto, o Bispo cumpra e arranje-se lá como poder. Toquei de proposito n'este particular para que haja acerca d'elle idéas mais exactas do que geralmente se tem. (apoiados.)

Pelo que respeita aos beneficios curados v.º das concordatas, que ou são providos mediante concurso canonico, ou immediatamente pelos Bispos, ou apresentados por padroeiros particulares, como aconteceu na Hespanha.

D'esta minha curta exposição sobre as concordatas, manifesta-se que a gerencia do episcopado na administração e governo das dioceses é consideravelmente mais livre e independente que a gerencia dos Bispos portuguezes nas suas respectivas dioceses. Mas eu tomarei para termo de comparação o que se passa na França a este respeito, por ser aquella nação que nós com preferencia consultamos, estudamos e procuramos imitar no progresso material, moral e intellectual.

Na França continúa a estar em vigor a concordata de 1801, como já disse. Em virtude d'esta os Bispos são quem nomeiam para todos os beneficios ecclesiasticos; gosam da independencia e liberdade precisa no governo das suas dioceses e na admittição dos seminarios. Como se explica que uma similhante regalia se consignasse na concordata auctorizada pelo primeiro consul? Eu o vou dizer.

Não se pôde duvidar que por disposição do divino legislador o governo das dioceses compete aos Bispos: *Attendite vobis, et universo gregi, in quo vos Spiritus Sanctus posuit episcopos regere ecclesiam Dei.* Act dos Apost. cap. 28 num. 28. Quem quer os fins quer os meios; será por tanto muito conforme com a vontade do divino legislador, que os Bispos tenham a sua disposição os meios essenciaes para o desempenho da missão divina que lhes foi commettida. Entre estes meios será por certo um dos mais efficazes e poderosos a acertada escolha dos subalternos, que ajudam os Bispos no seu officio pastoral. São estes subalternos os conegos, os parochos e os professores dos seminarios. Os conegos formam o senado do Bispo, são os seus conselheiros, são aquelles com quem deve conferir e praticar as cousas mais graves e importantes do governo diocesano. Os parochos são os sacerdotes a quem o Bispo confia a administração do pasto espirital de um parte do seu rebanho. Os professores são os ecclesiasticos a quem o Bispo entrega a educação e instrução do seu clero.

Vê-se por tanto, que por estas tres classes de ecclesiasticos se acham repartidas as principaes funções do officio pastoral, e que da sua acertada escolha essencialmente depende o bom desempenho do proprio officio pastoral. Ora quem será mais habilitado que o Bispo para fazer esta acertada escolha? O Bispo, por todas as considerações, é a pessoa mais competente para nomear os seus subalternos, que, se não forem da sua, escolha não poderá depositar n'elles a confiança precisa. Se o Bispo verdadeiramente é o responsavel, para com Deus e para com os homens, da diocese a seu cargo, ao Bispo compete por direito divino e humano a nomeação dos seus coadjutores no ministerio pastoral, isto é, a nomeação d'aquelles com quem se aconselha nos negocios arduos da sua administração, d'aquelles que admittem a pastorear parte do seu rebanho, d'aquelles que são seus substitutos no ensino do seu clero (apoiados); digo substitutos, porque o proprietario d'este ensino é o bispo, successor dos apostolos, a quem Jesus Christo mandou ensinar a sua doutrina: *Euntes docete omnes gentes; docentes eos servate omnia quaecumque mandavi vobis.* S. Math., cap. 28.º n.º 18.

Eis aqui, sr. presidente, as ponderosas razões que influiram no animo do primeiro consul, e que o induziram a permittir que os bispos nomeassem todos os seus subalternos, e que tivessem a liberdade e independencia precisa na administração das dioceses a seu cargo.

Porém, sr. presidente, se o primeiro consul reco

LISBOA 16 DE ABRIL

(CORRESPONDÊNCIA PARTICULAR.)

nheceu que os bispos deviam exercer aquella regalia, sem a qual não podem desempenhar o seu ministerio, tambem reconhecêdo que o poder temporal não devia ser totalmente estranho ao regimen diocesano, que devia ter n'elle aquella intervenção que, sem quebra da independência da Igreja, contribuisse para se manter a tão desejada harmonia entre os dois poderes. Para isso se estabeleceu na concordata, que as nomeações deviam recahir em sujeitos accetos ao governo, que os pôde recusar, se lhe desagradarem. E até fica mais airoso a soberania temporal poder rejeitar as nomeações que os Bispos fazem, do que estes poderem recusar as nomeações d'aquella. Além d'esta rejeição ainda o poder temporal tem outro meio efficaz para manter a harmonia entre os dois poderes, que vem a ser a nomeação dos Bispos.

Agora comparem-se os Bispos francezes com os portuguezes. Aquelles fazem todas as nomeações, estes nem uma só; aquelles administram as suas dioceses com a precisa liberdade e independência; estes na administração das suas dioceses dependem tanto da secretaria d'estado, que parece que o Sr. ministro dos negocios ecclesiasticos e de justiça é verdadeiramente quem tem a cargo o governo das dioceses, e que os Bispos são seus meros delegados ou seus subalternos, como os governadores civis o são do ministerio do reino. Procuram imitar a França em tudo, salvo na independência episcopal, que tanto respeita! (Apoiados).

Bem sei que se argumenta, que na França há a liberdade de cultos, a qual se houvesse tambem em Portugal, o nosso episcopado poderia então ter na administração das suas respectivas dioceses a mesma liberdade e independência que ligra o episcopado francez; e que sem esta liberdade seria perigosa ao estado uma similhante independência.

Cumpra porém advertir, que na França era força que houvesse a liberdade de cultos, porque ali uma minoria de francezes não professa o catholicismo; em Portugal não se verifica a mesma necessidade, por não haver entre nós differença de religião, pois felizmente somos todos catholicos apostolicos romanos, e por conseguinte a liberdade de cultos não seria aqui justificada como na França; antes traria consigo graves inconvenientes, que a desaconselham e reprovam.

Assim, se por via de uma proposta feita na outra camara, se procurasse estabelecer entre nós a liberdade de cultos, supprimindo o artigo 6.º da Carta constitucional, eu havia de impugnar n'esta camara com toda a minha efficacia, como Bispo e como Paiz, uma tão indiscreta proposta; na dura alternativa porém de um regalismo oppressor ou da liberdade de cultos, sem a menor hesitação preferiria esta, porque o catholicismo não recusa a competencia com a qual florece e brilha; o catholicismo á sombra da liberdade e da independência da sua Igreja fructifica admiravelmente, sem ellas porém deflora e murcha.

O sabio Bispo das Cavarías, Romão, na sua excellente obra — *Independência constante da Igreja do poder civil*, parte 1.ª cap. 1.ª affirmo, que a igreja pode subsistir sem dízimos, sem propriedade, sem freiras, sem frades, e até sem templos; mas de nenhum modo sem liberdade e sem independência. Esta condição é tão indispensavel ao seu regimen moral que suppondo por um pouco a alienação da sua independência, logo se descobre a destruição, o fim e o desaparecimento do catholicismo.

Sinto-me muito cansado, Sr. presidente, e por isso sou obrigado a concluir com declarar tambem á camara que dirijo ardentes votos a Deus, para que permitta que ao episcopado portuguez sobrevenham tempos mais felizes, raizem dias serenos e luminosos, em que os Bispos de Portugal logrem a mesma liberdade e independência que estão logrando os Bispos das outras nações, principalmente os Bispos da primeira nação do mundo, fallo de episcopado francez, um dos mais respeitaveis do orbe catholico. (Muitos apoios e vozes repetidas: — Muito bem, muito bem.)

(S. Em.ª foi cumprimentado por toda a camara, levantando-se todos os dignos pares expressamente para cada um de persi fazer essa demonstração ao orador, como testemunho do respeito e veneração que se lhe consagra.)

(Durante o discurso de Sua Em.ª entraram os Srs. ministros da guerra e da fazenda.)

A semana santa deu fregôas aos debates politicos, e fez cessar a lucta na presença do dia, em que se commemora a maior das revoluções, porque passou a humanidade. Milhares de pessoas percorriam as ruas em diferentes direcções, e desapareciam á porta dos templos, onde com difficuldade se penetrava; para se prostrarem de joelhos ante a cruz, na qual foi crucificado o Redemptor do mundo no alto do Gólgotha. Isto é uma prova exuberante, de que o catholicismo tem raizes tão profundas n'este canto do occidente, que jámais poderão ser aniquiladas, ainda que os actuaes ministros da corôa, e seus thuriferarios continuassem a proferir do alto da tribuna ideias, que podiam subverter a religião do estado, e abalar espiritos mais tímidos, fazendo recordar épocas de devassidão de costumes e de leis immoraes; que não resuscitarão; porque nós chegámos á época do direito e da acção de todos, como diz mr. Lamartine, época sempre ascendente, a mais justa; a mais moral; a mais livre de todas aquellas que o mundo tem percorrido até hoje, porque elle tende a elevar á humanidade á mesma dignidade inbral, e a consagrar a egualdade politica e civil de todos os homens diante do estado, como o Christo tinha consagrado a sua egualdade natural diante de Deus.

A civilização pôde bem chamar-se a deducção logica do espirito evangelico.

As alleuias tambem estiveram brilhantes e animadas em muitas igrejas; e logo que foram annunciadas o povo da capital, que não quer faltar aos seus velhos usos, entreteve-se durante algumas horas a queimar alguns Judas, escapando o ministro das justicas por milagre.

A noite houve baile de mascarás no theatro de S. Carlos e no café Concerto, concorrendo muito pouca gente.

Na semana seguinte abriu-se novamente o theatro de S. Bento, e os actores politicos deram principio ao grande espectáculo.

Os deputados ministeriaes não andam muito satisfeitos, apesar da victoria, que alcançaram na proposta de lei apresentada pelo gabinete, tendente a augmentar 85 contos de réis sobre a contribuição predial.

Foi o foliar, com que brindaram os seus constituintes. A maioria numerica venceu a razão, o governo zombou dos principios, folgaram os amoucos, e riu-se toda esta cohorte de parasitas, mas ha-de chorar o paiz inteiro, que é a victima innocente dos *lú-bos esfomeados*.

Durante esta semana não houve incidente notavel na camara electiva, a não ser a lei das roltas; como norma da maioria; que quer governar *in eternum* apesar das opposições; e ainda contra a vontade do poder nacional, de que elles não fazem caso algum.

A opposição sempre aguerrida e valente vê todos os dias engrossar as suas fileiras, ainda que luté com armas muito designaes; por isso que dispõe só da persuasão e do convencimento, e o governo semeia a corrupção e enthronisa a immoralidade.

Infelizmente na actualidade a maior parte dos homens não se entrega ao trabalho industrial e agrícola e preferé antes concorrer aos empregos publicos, porque d'ahi auffer rendimentos sufficientes para a sua sustentação com mais descaço.

Os ministros de ordinario sem curarem da capacidade do individuo despacham para as funcções publicas os homens indicados pelos deputados da maioria a troco do voto.

Vende-se a consciencia, e mercadeja-se com a procuração do povo para sustentar a velleidade e o capricho dos ministros, d'onde resulta muitas vezes a infracção da lei, como aconteceu na aposentação do thesoureiro pagador do districto de Faro para cujo logar foi despachado o deputado Ortigão, como lhe disse n'uma das correspondencias anteriores.

Apesar de todos os triumphos do governo no parlamento, a sua existencia continua atacada de moléstia incuravel, e os medicos do partido já não encon-

tram panacéa, com que o possam salvar. Chegaram ao capitolio, mas d'este á rocha tarpeia não vae se não um passo.

Houve no theatro de S. Carlos um beneficio em favor das familias dos infelizes, que pereceram na luta da Polónia.

El-Rei compareceu, dizem que aconselhado pelo sr. duque de Loulé.

O Czar pediu explicações por este facto ao nosso governo, e este fez logo expedir um telegramma ao nosso ministro em S. Petersburgo, o sr. Visconde de Moura, para dar todas as satisfações com relação ao procedimento do nosso rei.

O sr. duque de Loulé, como ministro dos negocios estrangeiros tambem dorme, quando n'um dia nos faz rojar aos pés do imperador dos francezes, e no outro aos do imperador da Rússia! Sempre humilhados! Que governo!

Ainda mais; na *Gazeta de Portugal* de 12, lê-se o seguinte:

«Hontem dizia-se em Lisboa, que o governo mandou dar satisfação ao de S. Petersburgo por intervenção do nosso ministro o sr. Visconde de Moura por causa de palavras sympathicas á causa da Polónia pronunciadas pelo sr. presidente do conselho no parlamento.

Esperamos que este boato, injurioso ao pundonor e á prudência de qualquer governo, será explicado categoricamente pelo gabinete, de modo que se saiba, se com effeito é polaco em Lisboa, e russo em S. Petersburgo, ou se é falsa a participação telegraphica, origem d'esta noticia».

Se taes factos se deram, calar-nos-hemos por vergonha nossa; mas deploramos sinceramente que os nossos homens publicos nos façam abater tantas vezes aos olhos da Europa, e não acatem e respeitem, o que é tão respeitavel e irresponsavel, como o chefe supremo do estado.

Os jórdes semi-officiaes têm respondido a estes boatos com banalidades, que não podem satisfazer o paiz.

Presencçamos ha dias um facto, que não precisa muitos comentarios por ser altamente ridiculo. Foi a aclamação da rainha dos pretos, D. Jacintha, que, sahindo de *paço* de procição, passou pelas ruas mais centraes de Lisboa acompanhada de toda a sua corte, e de uma guarda de cavallaria municipal, recolhendo-se ao *real pelacio* da Floresta Egypcia, onde houve depois baile, no qual brincou e dançou toda a pretaria.

No dia seguinte houve *Te-Deum* na igreja de Santa Joanna, fazendo depois a *boa rainha* baixar um curioso decreto de amnistia.

Este espectáculo tão extravagante como immoral não honra a autoridade superior do districto de Lisboa, que o consentiu, precedido além d'isso do programma affixado nas esquinas; esperamos não ver repetidas scenas d'estas.

O sr. deputado Francisco Chamico renunciou a sua cadeira, e n'um extenso aranzel, que dirigiu aos seus eleitores, declarou-lhes, que devia proceder d'aquelle modo, porque não podia apoiar um governo tão fraco, que addiava as grandes reformas na presença dos *meetings*. Elles que lho agradeçam, pois melhor fóra que s. ex.ª se alistasse na opposição e com o vigor da sua palavra combatesse tenazmente o ministerio historico, no que faria um grande serviço ao paiz, e daria um passo mais acertado.

Falleceu em Bordeaux o sr. deputado João do Robredo, que era tambem secretario do conselho ultramarino.

Acaba de submergir-se no mar da China o navio de guerra inglez *Orphdeus*, perecendo toda a guarnição e officialidade.

Do interior não ha noticias importantes.

As inscripções de assentamentos com juros pagos do 1.º semestre de 1862 estão a 48 e meio e 48 e um quarto.

SECÇÃO NOTICIOSA

EXPEDIENTE.

Acabou com o n.º 25 a primeira meia serie d'este periodico. A empresa, amulindo aos desejos que tem manifestado alguns snrs. assignantes de que a folha saia duas vezes por semana, tem resoleido fazel-o assim, d'hoje por diante.

Com esta publicação bi-semanal não se faz nenhuma violencia, porque a assignatura continua do mesmo modo a ser por series e meias series, com o mesmo preço.

A empresa roga tambem aos snrs. assignantes, que ainda não satisfizeram o importe das suas assignaturas, o obsequio de mandar satisfazer com brevidade porque esta é a unica verba de receita, com que a empresa tem de costear as despezas.

Estrada de S. Torquato.—Consta-nos que a mesa da irmandade de S. Torquato projecta levar a effeito a feitura do traço da estrada desde a ponte de Celho, até a Senhora da Madre de Deus, para o que já estão os estudos feitos.

Consta-nos igualmente que todos os proprietarios de terrenos no sitio em que ella passa, de bom grado os cederam, especialmente, o sr. D. João Peixoto, o sr. visconde de Pindella, que sem a menor hesitação fizeram esta cedencia.

Se assim é, são todos dignos de justos louvores.

Taborda — Admiramos 5.ª feira passada este insigne actor, que tomou parte no espectáculo d'esse dia, representando — *As boas razões* — e — *Que pena!* ... *Era tão lindo...*

O insigne e festejado actor foi phreneticamente applaudido e victoriado, recebendo duas bonitas corôas de flores artificiaes, e tendo, por entre bravos e palmas sem fim, repetidas chamadas ao proscenio.

Recitaram-se duas poesias, uma do sr. João Ignacio Peixoto de Abreu Vieira, a qual teve as honrãs de bis, — e outra do sr. Valentim Moreira de Sá Junior, recitada no palco pelo actor Pereira.

Taborda foi na 6.ª feira para Braga, deixando a todos profundas e vivas saudades.

Baptismo. — Foi domingo solemnemente baptisado na parochial igreja de S. Paio, d'esta cidade, um pretinho, creado do ex.º sr. Visconde de Pindella.

Foram padrinhos o filho mais velho do sr. Viconde e a sr.ª Viscondessa.

Assistio ao acto um numeroso cortejo de cavalheiros com tochas acesas, e grande concurso de povo.

Beneficios. — Foi segunda feira o beneficio do sr. I. S. Caldas. Representou-se — o 1.º e o ultimo acto, a canção — *O Sebastianista*, a comedia drama — *União e trabalho*, uma poesia, pelo sr. Ferreira Junior e uma aria buffa pelo sr. José Pereira.

O beneficiado recitou uma poesia de agradecimento.

Pouca concurrencia.

Outro. — A' hora em que escrevemss, distribuem-se bilhetes para o beneficio, que a companhia dramatica que aqui tem estado, offereceo em favor das obras das torres da igreja do Campo da Feira.

Promette ser muito concorrido.

No n.º seguinte, noticiaremos o que se passar.

Rua de D. João 1.º — Trabalha-se com muita actividade na reconstrução d'esta rua. Está-se fazendo

o cano geral de despejos, no que está empregado um bom numero de operarios.

Valha-nos pelo menos isto, já que se não attendeu a razões de maior conveniencia.

Romagens. — Domingo foi verdadeiramente um dia de festa. Houve a romaria de N. Senhora da Madre de Deus de fora, a um kilometro de distancia d'esta cidade.

Concorreu immenso povo, formando um vistoso arraial.

Houve tambem a ronda em S. Estevão d'Urgezès, a que tambem concorreu immenso povo, e fez-se na igreja do extinto convento dos capuchos a festividade das dôres da Senhora.

Foi um completo dia de festa.

AGRADECIMENTO.

A Comissão instituidora do asylo de infancia desva-

lida de Santa Estephania — Amor de DEUS e do proximo, grata aos relevantes serviços prestados ao dito asylo pelo ex.º sr. Visconde de Pindella, e ultimamente ao haver-lhe promovido do governo de S. Magestade 1:000,000 rs. dos donativos dos nossos irmãos do Brazil, a que o mesmo governo tão benignamente anuiu, vem por este modo patentear-lhe publicamente os seus sinceros agradecimentos. (41)

ANNUNCIOS.

O Presidente da direcção do Theatro de D. Affonso Henriques, d'esta cidade, convida a todos os ill.ºs e ex.ºs srs. accionistas para comparecerem na casa do mesmo theatro no dia 1.º do futuro mez de Maio pelas 3 horas da tarde, para se proceder á nova eleição na conformidade do artigo 13 dos seus estatutos. Guimarães 23 de Abril de 1863.

O Presidente
Domingos de Souza Guedes Aguiar. (42)

A NACIONAL

Companhia geral hespanhola de seguros mutuos

sobre a vida

DIRECTOR GERAL: SNR. D. JOSE CORT Y CLAU

AGENTE GERAL DA COMPANHIA EM PORTUGAL E BANQUEIRO

Domingos Ribeiro dos Santos Junior

29, RUA DE S. FRANCISCO

PORTO

É a unica companhia que admittê subscripções sem perda de capital, nem juros, ainda que o segurado falleça, com faculdade de liquidar annualmente.

Nenhuma outra companhia da mesma classe cobra direitos de administração mais modicos do que esta.

As subscripções podem fazer-se de quatro distinctas maneiras á vontade do Subscriptor, a saber:

- 1.ª = Com perda de capital e juros por morte do segurado, com faculdade de liquidar cada cinco annos.
- 2.ª = Com perda por morte do segurado unicamente dos juros e não do capital que se tenha imposto com faculdade de liquidar cada cinco annos.
- 3.ª = Com perda do capital e juros por morte do segurado, podendo liquidar e retirar-se todos os annos, depois dos primeiros cinco.
- 4.ª = Sem perda de capital nem juros, ainda que o segurado falleça, podendo liquidar e retirar-se todos os annos depois dos primeiros cinco.

Para mostrar quaes as vantagens d'esta companhia, basta dizer-so que uma annualidade de 50,000 réis produz:

Idades	Em 5 annos	Em 10 annos	Em 15 annos	Em 20 annos	Em 25 annos
Do na scimento, a 1 anno	657,600	2,544,000	5,376,000	12,000,000	28,032,000
De 1 anno a 2 annos	537,600	1,800,000	4,464,000	10,176,000	22,080,000
De 3 " 19 "	513,600	1,737,600	4,320,000	9,600,000	20,928,000
De 20 " 29 "	518,400	1,680,000	4,272,000	9,120,000	20,256,000
De 30 " 39 "	520,800	1,689,600	4,320,000	9,360,000	20,400,000
De 40 " 49 "	520,800	1,689,000	4,320,000	9,504,000	20,880,000
De 50 " 59 "	528,000	1,824,000	4,416,000	10,320,000	21,168,000
De 60 " 69 "	547,200	2,004,000	4,512,000	9,600,000	25,920,000
De 70 " 79 "	576,000	2,030,400	4,704,000	14,400,000	28,800,000
De 80 "	600,000	2,400,000	5,280,000		

O Agente da Companhia n'esta cidade (AUGUSTO HENRIQUES DA COSTA, TERREIRO DE S. FRANCISCO) dá gratis a todas as pessoas, prospectos, estatutos e tabellas dos lucros provaveis da companhia, bem como todos os mais esclarecimentos que lhe sejam pedidos.

PREÇO DA ASSIGNATURA: — Por uma serie ou 50 numeros 1,200 rs. — com estampilla 1,450 rs. — 25 numeros 600 rs. — com estampilla 725 rs. — Folha avulsa 40 rs. — Annuncios por linha 30 rs. — repetição 20 rs. — Correspondencias de interesse particular 30 rs. por linha. — As publicações litterarias serão annunciadas, sendo enviados a esta redacção dois exemplares.

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte ao administrador José Antonio de Farid e Silva.